



Meio local e educação geográfica. Uma experiência de aprendizagem

Andreia Lemos

Escola Básica e Integrada da Maia (São Miguel, Açores)
andrea_lemos@hotmail.com

Como citar este artigo:

Lemos, A. (2017). Meio local e educação geográfica. Uma experiência de aprendizagem. *Revista de Educação Geográfica |UP*, nº.1, p.63-77. Universidade do Porto

ISSN

2184-0091

DOI

<https://doi.org/10.21747/GeTup/1a5>

Secção: Intervir

Resumo: A formação de alunos autónomos, reflexivos e ativos na sociedade depende muito das estratégias desenvolvidas pelos docentes, no sentido de tornar o conhecimento disciplinar mais apelativo no quadro da formação educacional geral e da vida dos alunos. É neste contexto que um professor reflexivo pode tornar este processo mais significativo para o aluno. A reflexão é fundamental à construção de novos saberes, é uma capacidade que se desenvolve ao longo do tempo e que se adapta a cada circunstância no ensino. É, por isso, um procedimento cíclico que se (re)constrói mediante cada nova abordagem. Enquanto professores, vamos adquirindo, com o tempo, novas experiências, equacionamos a nossa prática, repensamos metodologias e refletimos mediante os resultados mais ou menos favoráveis. Tentamos, assim, melhorar a forma como ensinamos e o modo como os alunos apreendem. Este artigo apresenta de um projeto que se centra no saber do aluno, no meio local e na reflexão. Mediante o trabalho de campo, visitas de estudo, a realização de entrevistas à população local e a análise de registos fotográficos, no projeto “O mesmo caminho com os olhos de ontem, de hoje e de amanhã – desafios da Geografia local” os alunos partem do saber histórico e cultural do meio onde vivem para a construção de uma aprendizagem autónoma e mais significativa. Parte-se da análise das dinâmicas geográficas atuais e da elaboração de uma retrospectiva do tempo e do espaço em estudo para se projetarem desafios futuros para o lugar onde vivem, com o objetivo de desenvolver a construção do conhecimento autónomo do aluno baseado no espírito crítico de forma a promover a responsabilidade para a cidadania.

Palavras-Chave: Geografia, reflexão, meio local, trabalho de campo, educação para a Cidadania

Abstract: The outcome of independent students, provided with acute intelligence and socially active individuals depend a lot on the different strategies that teachers use to make school subject knowledge more appealing and interesting, in students' educational process and life development. It is in this context that an insightful teacher can make this process meaningful to the student. The reflection is essential for new knowledge to emerge; it is a skill that is developed over time and that suits every circumstance in teaching, therefore it's a cyclical procedure that is (re) built by each new approach. As teachers we acquire, over time, new experiences, re-think our practice and methodologies according to what the results reflect. We are always concentrated on improving the teaching process as well as the way students learn. This article presents a project based on the student's knowledge, the local environment and on cogitation. The working field and methods undertook study visits, interviews to the local inhabitants and the analysis of photographs. All this led to the project "The same way with the eyes of yesterday, today and tomorrow – challenges of local Geography" in which students start from the historic and cultural knowledge of where they live to the construction of a more autonomous and significant learning. They analyze the current geographical dynamics, develop a time and place retrospective under study and design future challenges for where they live. It also aims to develop the student's independent knowledge construction based on a critical mind so as to promote the development of responsible and active citizens in society.

Keywords: Geography, reflection, local environment, field work, education for citizenship

1. O saber, o meio local e a reflexão

Desenvolver no ensino aprendizagens mais significativas para os alunos é um desafio que a maioria dos professores enfrenta ao longo da sua atividade profissional. Num mundo em constante mudança ditada pelo avanço das tecnologias, temos muitas vezes a sensação de que tudo já foi inventado. A realização de atividades interativas e inovadoras, que despertem a curiosidade, interesse e o envolvimento dos alunos e que, ao mesmo tempo, conduzam à aprendizagem, afigura-se como um desafio que nem todos os profissionais estão dispostos a encarar. É urgente um espírito libertador e versátil no desenvolvimento das aprendizagens, em detrimento do ensino livresco em que o docente assume um papel central e o aluno um papel passivo. Ao longo da nossa prática

profissional, é importante desenvolver um ensino flexível e cada vez mais voltado para o aluno, numa perspectiva de construção autónoma do seu conhecimento e no professor como orientador de todo esse processo.

Devem-se desenvolver mecanismos que tornem o conhecimento mais apelativo no quadro da formação educacional geral e da vida pois, desta forma, estaremos a contribuir para a formação de alunos mais autónomos, mais reflexivos e ativos na sociedade em que vivem. Neste contexto, um professor que reflete sobre a sua prática está a contribuir para uma formação mais significativa. A reflexão sobre as práticas educativas pode conduzir a mudanças no ensino, que se centram nas aprendizagens do aluno, mediante o desenvolvimento de diferentes metodologias e

práticas com vista a uma aprendizagem mais envolvente e expressiva.

O professor reflexivo consegue analisar e avaliar o seu trabalho de forma a reestruturá-lo e reajustá-lo ao contexto em que o ensino se desenvolve. Deste modo, a reflexão assume-se como um processo inerente às práticas educativas, na medida que proporciona uma aprendizagem mais significativa onde o aluno assume uma posição central e fundamental neste processo. Ao mesmo tempo, a reflexão implica reajustar o ensino e a aprendizagem aos contextos específicos, de índole cognitivo, social ou até espacial, em que todo este processo se desenvolve.

Apesar da reflexão assumir um papel importante quer para a escola quer para os professores, nem todos os professores se assumem como profissionais reflexivos. Um professor que repensa as suas fragilidades e sucessos consegue mudanças no ensino, pois irá ajustar a sua prática educativa. Esta forma de estar perante o ensino possibilita-nos adequar a forma de ensinar e melhorá-la de acordo com as necessidades ou dificuldades apresentadas pelos alunos. Neste domínio, o ensino da Geografia também se tornou facilitador das aprendizagens e versátil nas metodologias. Além de ser um saber disciplinar que aborda temas muito atuais, que envolvem o quotidiano dos alunos a diferentes escalas, possibilita um desenvolvimento da aprendizagem no próprio terreno, conferindo-lhe assim um carácter dinâmico, inovador e significativo.

Enquanto professores vamos adquirindo, com o tempo, novas experiências, equacionamos a nossa prática, repensamos metodologias e refletimos mediante os resultados mais ou menos favoráveis. Tentamos, assim, melhorar a forma como ensinamos e o modo como os alunos apreendem. Esta análise cronológica introspetiva, retroativa e reflexiva do nosso desempenho, ao nível das dinâmicas desenvolvidas no ensino da Geografia desde a abordagem aos conteúdos, às metodologias utilizadas e projetos desenvolvidos, revela-nos a evolução de todo o nosso trabalho e pela análise da prática profissional reconhecemos este amadurecimento e revemos nele uma certa dinâmica e desprendimento de práticas muito estruturadas para dar lugar metodologias de ensino versáteis.

2. O saber empírico e o conhecimento local – a abordagem geográfica de diferentes contextos à escala local.

PROJETO: O mesmo caminho com os olhos de ontem, de hoje e de amanhã: desafios da Geografia local.

Fazer Geografia vai muito além das quatro paredes de uma sala de aula: é poder viajar e conhecer lugares partindo de um objeto, de um assunto ou da simples análise da nossa rua aos olhos desta ciência. Assim, as atividades e os projetos neste contexto só vêm enriquecer ainda mais esta ciência e dota-la de alunos mais motivados. Aposta-se num ensino que retira os alunos da sala de aula e os coloca no campo, numa relação direta com o objeto de estudo, com o território e com a população.

O projeto “O mesmo caminho com os olhos de ontem, de hoje e de amanhã – desafios da Geografia local”¹ vem, assim, reafirmar este princípio da importância cada vez maior de um ensino que assenta na reflexão e está voltado para o contacto direto com o objeto de estudo fora da sala de aula. Desenvolveu-se com base na experiência profissional docente, nos diferentes contextos geográficos em que lecionamos e na construção do processo de ensino aprendizagem que assenta nas vivências dos alunos e no meio local. Centra-se no estudo de um lugar concreto, partindo de uma escala local, com uma abordagem ao passado, presente e futuro.

O enquadramento desta atividade obedece ao que está preconizado no CREB (2011)² no que respeita

¹ Este projeto, desenvolvido pela autora deste artigo, constituiu tema de discussão do Relatório Detalhado da Atividade Profissional realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da Geografia 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, ao abrigo das recomendações do CRUP.

² O Currículo Regional do Ensino Básico (CREB) surgiu da abertura progressiva do currículo nacional a adaptações de âmbito regional e local, evidenciadas na publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo e as sucessivas alterações e adaptações introduzidas pela Lei n.º 46/1986; Lei n.º 115/1997 e Lei n.º 49/2005. Define “o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos que se fundamentam nas características geográficas, económicas, sociais, culturais e político-administrativas dos Açores” (CREB, 2011, p.4). As competências elencadas neste documento evocam aprendizagens significativas contextualizadas no âmbito regional ligadas aos conceitos de Insularidade e Açorianidade (CREB, 2011, p.4).

à abordagem de temáticas como a Açorianidade³ e a EDS, “... não só enquanto referência ao passado, como também numa abordagem futura, contribuindo para a resposta aos desafios do mundo atual, quer na sua diversidade e complexidade ambiental e cultural, quer nas questões da sustentabilidade regional e global” (ob. cit, p.67).

Este projeto assume como principais objetivos: (1) o desenvolvimento de competências geográficas partindo do saber empírico do aluno, inerentes ao estudo de temas que envolvem a dinâmica da população, das atividades económicas e de todo o espaço físico onde se encontra o observador (o aluno), ou seja, analisar o espaço local e perceber a inter-relação entre os fenómenos naturais e humanos bem como todas as dinâmicas a ela adjacentes; (2) explorar e valorizar o património cultural local e interagir com a população a fim de apurar conhecimentos e factos históricos inerentes à compreensão do território e das suas dinâmicas atuais.

Paralelamente a estes objetivos, pretende-se que os alunos desenvolvam o seu espírito crítico e reflexivo e construam o seu próprio conhecimento de forma autónoma, com base nas suas experiências vividas e em novos saberes que deverão ser explorados ao longo desta atividade. Espera-se que este exercício

(...) contribua para alargar as noções de espaço e tempo dos alunos e para abrir os seus horizontes culturais, levando à compreensão do mundo contemporâneo na sua diversidade de modos de vida, sensibilidades e valores; à ênfase do valor crítico e, ainda, à promoção de atitudes de autonomia pessoal, de tolerância, sociabilidade, solidariedade e respeito pelas diferenças, fundamentais para uma intervenção cívica responsável (Afonso, 2004, apud CREB, 2011, p. 68).

O espírito crítico vai constituir-se, neste projeto, como o propulsor de uma construção significativa do conhecimento geográfico, pelo que será

importante estimular o pensamento do aluno para questões que envolvam o raciocínio e uma posição crítica sobre aquilo que observa. Ao mesmo tempo que sob pontos de vista distintos, conteúdos alusivos à distribuição e fixação da população, ao desenvolvimento de atividades económicas, ao ordenamento do território e à gestão de recursos naturais.

Este projeto iniciou-se, a título experimental, na Escola Básica e Integrada da Maia (Açores) no ano letivo 2015/2016 (figura 1), inserindo-se no âmbito das atividades curriculares do 8º ano de escolaridade, cujos temas abordados contemplaram a População e povoamento – Mobilidade da população e as Atividades económicas - Agricultura, Pesca e Indústria.

Partindo do primeiro tema, População e povoamento – mobilidade da população, com esta atividade pretende-se que os alunos analisem e compreendam a organização morfofuncional do espaço (em momentos históricos distintos) e, com base nessa análise, identifiquem as atividades económicas (segundo tema) que foram e/ou ainda são relevantes para o desenvolvimento económico do território em questão – a freguesia da Maia⁴ - que se torna, de modo concreto, o objeto de estudo deste projeto.

O facto de cada escola apresentar “(...) uma individualidade, considerando o lugar onde se localiza e a trama de inter-relações socioculturais, compreendendo as ações quotidianas dos sujeitos e da cultura em geral” (Costa e Santos, 2009, p. 2), vem reforçar a exequibilidade deste projeto em qualquer outro contexto. O que poderá particularizar a sua aplicabilidade são as especificidades de cada unidade escolar, o lugar e as inter-relações socioculturais, que poderão ditar uma abordagem diferenciada dos conteúdos mediante a realidade com que nos deparamos.

Além da flexibilidade esta atividade assume um cariz multifacetado, no sentido em que, por um lado, irá dinamizar o estudo de várias temáticas de uma forma integrada, mobilizando saberes e competências da Geografia e de outras áreas curriculares disciplinares (nomeadamente da

³ A Açorianidade é um termo que “exprime a condição histórica, geográfica, social e humana do ser açoriano. Foi criado por Vitorino Nemésio, que o teve decalcado de hispanidad (Miguel de Unamuno) e que usou pela primeira vez num artigo publicado na Revista Insula (n.º 8, Ponta Delgada, 1932).” <http://www.culturacores.azores.gov.pt>. Acesso em 11/03/2016.

⁴ A Maia é uma freguesia do concelho da Ribeira Grande, situada na vertente norte da ilha de São Miguel, cujo nome deriva, segundo Gaspar Frutuoso (2005, p.198), de ter aqui morado primeiramente “uma mulher, chamada Inês Maia”.

História - na análise de acontecimentos históricos, principalmente da origem do povoamento, das atividades económicas e dos recursos naturais que justifiquem realidades atuais) e, por outro lado, envolverá a comunidade escolar, população residente e até o poder local. Não se pretende, com o envolvimento de todas estas entidades, complexificar a atividade mas, sim, torná-la mais

completa e globalizante, de forma a dar ao aluno uma visão holística do território em estudo e o modo como cada interveniente neste processo evolutivo dos lugares pode condicionar o meio onde vivemos.



Figura 1 – Enquadramento da freguesia da Maia e localização da Escola Básica e Integrada



Figura 2 – O saber do aluno e o conhecimento local na construção do conhecimento geográfico.

Uma ciência que é transversal, efetua abordagens a várias escalas, nomeadamente, local, nacional, regional e até mundial, num contexto de interdisciplinaridade. Este estudo, garante a construção de saberes que rompe fronteiras entre disciplinas e envolve-as num único objetivo: a aprendizagem. De uma forma direta ou indireta, o ensino da Geografia é enriquecido pelos saberes de outras áreas, bem como das vivências da população local e, conseqüentemente, dos alunos (figura 2). O projeto desenvolvido centra-se no conhecimento do aluno e no meio local. Mediante o trabalho de

campo, visitas de estudo, a realização de entrevistas à população e a análise de registos fotográficos, no projeto aqui apresentado os alunos partem do conhecimento histórico e cultural do meio onde vivem, para a construção de uma aprendizagem autónoma e mais significativa. Valorizam-se as dinâmicas geográficas atuais e da elaboração de uma retrospectiva do tempo e do espaço em estudo, para se projetarem desafios futuros para o lugar de vivência, com o objetivo de desenvolver a construção do conhecimento autónomo do aluno baseado no espírito crítico, de forma a promover a responsabilidade para a cidadania.

Este projeto pretende, ainda, desenvolver o estudo da Geografia além da sala de aula. Não muito diferente do que já tem sido desenvolvido noutros anos de ensino ao nível do trabalho de campo, prima pelo papel ativo que a comunidade local desempenha e pelo envolvimento do poder local na concretização desta atividade. Além do espaço em estudo, o tempo é um importante o fator pois permite uma comparação de dados, o estabelecimento de ligações entre o passado e o presente e a projeção de soluções futuras. O mesmo caminho percorrido e visto pelos anciãos é o que os alunos fazem neste estudo, sendo sobre este trajeto que devem ser pensadas medidas a implementar, ancoradas na morfologia da freguesia em estudo, na sua história e nos interesses ou necessidades da população.

A segmentação deste projeto em três partes permite não só dividi-lo cronologicamente, como também facilita a identificação das abordagens a desenvolver em cada uma das etapas.

2.1. Primeira parte. O mesmo caminho com os olhos de hoje

Os estudantes começaram por estudar a realidade atual da freguesia, de onde decorreu a necessidade de perceber e justificar esta realidade que dão início à segunda fase do projeto: conhecer as dinâmicas da freguesia no passado, realizando, assim, um estudo retrospectivo dos acontecimentos históricos que ditaram a configuração do território, para posteriormente serem capazes de apontar soluções futuras para o espaço em estudo.

Esta fase obedece a três etapas fundamentais do trabalho de campo, tal como definidas por Cavalcanti (2002, apud Bueno, 2009): (1) a

preparação, que se define como o primeiro contacto do aluno com a problemática e os instrumentos que serão a base ou o ponto de partida do estudo em questão; (2) a realização do trabalho, que consiste na recolha de informação no campo (entrevistas, registos fotográficos, elaboração de esboços, entre outros); (3) a exploração do trabalho em sala de aula, que consiste na organização dos dados recolhidos e na seleção, comparação e apresentação de informação.

A preparação desta atividade inicia-se com um breve enquadramento, em contexto de sala de aula, sobre a relação deste projeto com o ensino e aprendizagem da Geografia. Nesta fase, é importante explorar os conhecimentos prévios dos alunos (saber histórico) no contexto do trabalho que irão desenvolver, antes da abordagem a alguns conceitos inerentes a esse trabalho e de alguns procedimentos que os alunos deverão colocar em prática. Segundo Bueno (2009, p.188), este cuidado ao nível do enquadramento e apuramento do saber dos alunos é importante e deve estar patente nesta fase antecedente ao trabalho de campo, na medida em que se pode "...pensar na construção de conceitos, a partir de conhecimentos prévios dos alunos, levando-os à elaboração do conceito científico, realizando assim, uma transposição didática". Após esta fase, procede-se então à realização do trabalho de campo.

O trabalho de campo utiliza a metodologia do empirismo para obter os seus resultados, partindo da observação é que se percebe a principal contribuição do trabalho de campo no estudo da Geografia: a consciência de que tudo é formado a partir da relação de interdependência entre organismos (Cassol, 2009, p.5).

O trabalho de campo será o pretexto da conjugação entre o saber empírico do aluno e o novo saber estruturado *in loco*, mediante a observação, análise e interpretação do espaço. Tal pressupõe uma participação ativa e interativa por parte do aluno. Interativa porque para operacionalizar os pressupostos anteriormente referidos o aluno terá de mobilizar saberes por ele já vivenciados ou adquiridos através do estudo desta ou de outras ciências. Assume-se, também, um caráter ativo, na medida em que ao estar em contacto direto com o objeto de estudo, o aluno poderá analisá-lo, questioná-lo e experimentá-lo.

Como salientam Figueiredo e Silva (2009, p.2), o trabalho de campo pode afigurar-se como um feedback do ensino em contexto de sala de aula:

(...) é um instrumento metodológico que envolve e motiva, agregando a teoria e a prática e ainda é possível avaliar se as atividades desenvolvidas em sala proporcionaram mudanças nos que participam desse processo, pois é através desse contacto real no campo, que se estabelecem relações no que é observado.

No trabalho de campo, os alunos, munidos com uma planta da freguesia da Maia, foram distribuídos aleatoriamente pelas ruas onde deveriam efetuar um esboço do levantamento

funcional da mesma (figura 3). Procederam, igualmente, a uma análise do estado de conservação, quer dos edifícios quer do pavimento, assim como de todos os elementos físicos e naturais que fazem parte do seu objeto de análise. Em simultâneo, elaboraram registos fotográficos, não só para captar aspetos que posteriormente poderiam ser úteis para evidenciar ou argumentar situações a discutir, como também permitiam estabelecer uma comparação com os registos fotográficos de décadas que remontam a meados do século XX, atividade a desenvolver na segunda fase de trabalho.



Figura 3 – Levantamento funcional das ruas da Maia e entrevistas à população local.

Sempre que possível, os alunos recolheram testemunhos ou realizaram pequenas entrevistas informais à população residente, de forma a perceberem que aspetos poderão ser sinalizados para uma possível intervenção, no sentido de darem resposta às necessidades dos habitantes na rua em estudo (figura 3). Numa segunda parte desta fase do projeto, já em contexto de sala de aula, os alunos organizaram a informação recolhida: com o esboço do levantamento efetuado concretizaram a construção do perfil funcional da rua, sendo os edifícios ou área funcional devidamente identificados consoante uma legenda (figura 4); posteriormente, procederam à sua análise crítica, focando algumas características evidentes no perfil funcional realizado, como as funções que a constituem e a localização da rua no contexto da freguesia, bem como a origem da sua toponímia (mediante alguma pesquisa).

Nesta análise foram ainda considerados: i) aspetos observados relativos à forma e construção dos edifícios; ii) o testemunho da população e algumas considerações dos alunos (por exemplo, relação entre as diferentes formas de uso e ocupação do solo com situações de conflito que daí possam

emergir); iii) aspetos ‘físicos’ de degradação da rua em análise acompanhados da proposta de medidas visando atenuar esses problemas, configurando-se como soluções numa perspetiva de melhoria das condições de vida da população local.



Figura 4 – Perfil funcional de algumas ruas da Maia.

2.2. Segunda parte. O mesmo caminho com os olhos de ontem: desafios da Geografia local.

O contributo da população residente da Maia na concretização deste projeto foi essencial, particularmente nesta fase.

Hoje, impõe-se (...) uma conceção da escola como um espaço aberto, em ligação com outras instituições culturais e científicas. O “novo” espaço público da educação chama os professores a uma intervenção política, a uma participação nos debates sociais e culturais, a um trabalho continuado junto das comunidades locais (Nóvoa, 2003, p. 3).

Primeiro, com a colaboração da população mais idosa, procedeu-se a uma recolha fotográfica do espaço morfofuncional que remonta a meados do século XX. A escolha deste período histórico justifica-se por três motivos. Desde logo, esta época afigura-se como testemunho de uma viragem no desenvolvimento da economia açoriana, que se iniciou no século anterior. Segundo Costa (2013), devido a uma crise nas exportações em São Miguel, explicada pelo desgaste dos solos e pela concorrência de outros produtos agrícolas, os micalenses foram obrigados a procurar alternativas às suas exportações, visando produtos inovadores que simultaneamente continuassem a empregar a população. Tal proporcionou o desenvolvimento industrial do chá e do tabaco, com especial incidência na Maia devido à fertilidade dos solos. A presença destas indústrias foi fundamental para a freguesia e toda a sua dinâmica em termos económicos, sociais e culturais na época, com repercussões na atualidade, daí ser importante a sua abordagem. Por outro lado, com a intenção de se realizar entrevistas à população que trabalhou nestas indústrias, não seria possível recuar muito no tempo. Finalmente, e associado ao anterior, há disponibilidade de registos fotográficos. Na eminência de existirem poucas fotografias da época, os familiares de um antigo fotógrafo da Maia (cujo espólio fotográfico remonta aos anos 50) cederam parte dos registos onde se encontravam figuradas as ruas desta freguesia.

Simultaneamente, procedeu-se à recolha dos dados estatísticos do mesmo período, que nos ajudam a

compreender a dinâmica social e económica da freguesia⁵ (figura 5).

Tendo em conta que parte do desenvolvimento económico da freguesia foi impulsionado pela atividade agrícola e industrial devido ao surgimento das fábricas de chá (Gorreana) e de tabaco (atualmente Museu do Tabaco da Maia), os alunos realizaram uma visita de estudo a estes espaços com o intuito de conhecerem as instalações fabris, tendo constatado que grande parte da mão-de-obra da época era feminina, solteira e muito jovem, começando a trabalhar com o objetivo de arrecadarem uma quantia monetária para o dote de casamento (figuras 6 e 7).

Para reunir alguns testemunhos da população sobre os modos de vida dos maiatos nesta época, foram realizadas entrevistas: i) a pessoas ligadas à atividade industrial, visto que de todos os setores de atividade foi o que obteve um maior destaque em termos económicos e percentagem de população ativa; ii) à população ligada à agricultura (um dos setores que resistiu no tempo, permanecendo na atualidade, ainda que frágil, na Maia) e à pesca (figura 8), que apesar do posicionamento geográfico da freguesia - voltada para o mar na costa norte da ilha de São Miguel - foi dos setores que, ao longo do tempo, foi perdendo ‘visibilidade’, tal como constatado por Gaspar Frutuoso⁶ em *Saudades da Terra*.

Pensa-se que o decréscimo de população ativa neste setor (que já não é recente) se agravou devido às características da pesca na atualidade (pela modernização e sofisticação das embarcações e o avanço nas técnicas utilizadas), assim como pelo facto de a enseada de acesso ao mar não permitir uma faina produtiva, assumindo esta, por isso, um caráter de subsistência apenas para algumas famílias da freguesia.

⁵ Estes dados estatísticos foram recolhidos pelos alunos aquando da visita de estudo ao Museu do Tabaco e à fábrica da Gorreana (relativamente à população ativa na indústria), fornecidos pela Junta de Freguesia da Maia (quanto à população ativa dos outros setores), pelo INE e pelo Serviço Regional de Estatísticas dos Açores.

⁶ Gaspar Frutuoso foi historiador, filósofo e literato açoriano de origem micalense (1522-1591). Autor de *Saudades da Terra*, é considerado o “pai” da história açoriana pelo inigualável contributo literário que enquadra as ilhas açorianas no Atlântico insular, enaltecendo os Açores e as suas gentes.

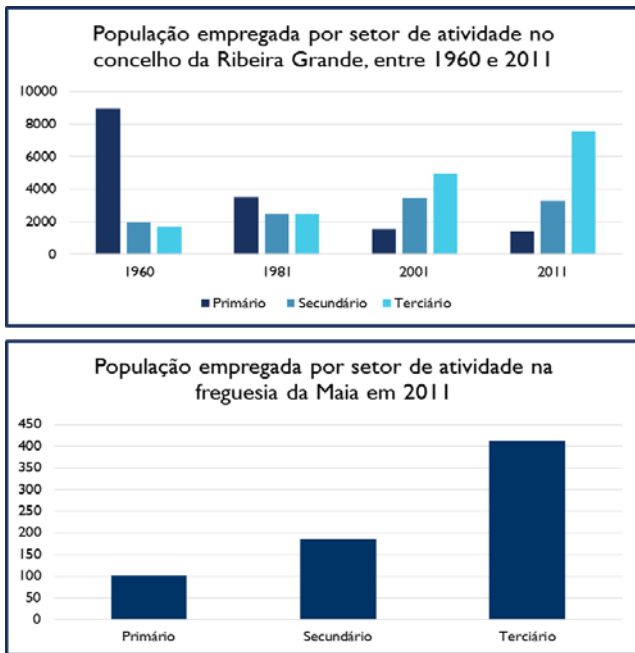


Figura 5 – Distribuição da população ativa por sector de atividade no concelho da Ribeira Grande e na freguesia da Maia entre 1960 e 2011

Com base na informação recolhida e na posse dos registos fotográficos da década de 50, os alunos procederam à elaboração de um perfil funcional aproximado das ruas da Maia desta época. Depois, seguiu-se a realização de um quadro comparativo, que permitiu estabelecer correlações entre meados do século XX e a atualidade ao nível das características das ruas, edifícios e funções (figura

9). A partir daqui, pretendia-se que os alunos formulassem algumas conclusões relativas ao processo evolutivo da freguesia em termos 'paisagísticos', morfologia e dinâmica sociodemográfica. Partindo destas deduções, foram elaboradas pequenas apresentações retratando o modo de vida da população de meados do século XX e redigidas as principais conclusões mediante a comparação da ocupação do solo de duas épocas tão distintas. Nesta fase, os alunos facilmente chegaram à conclusão que existiram espaços arquitetónicos que desapareceram, quer pelo despovoamento que levou à inabitabilidade dos espaços e conseqüente ruína destes, quer pelas adversidades relacionadas com fatores de origem natural (como os terramotos que se fizeram sentir no século anterior e no século em estudo - apesar da crescente diminuição de intensidade, estas catástrofes deixaram um rasto de destruição verificando-se ainda em 1960 a degradação de algumas habitações), quer, ainda, pelo facto de, com o passar do tempo, terem sido erguidas novas estruturas com o intuito de dar resposta às necessidades de uma população que apresenta características muito distintas daquelas da época anterior, principalmente devido ao acentuado envelhecimento populacional (figura 10)



Figura 6 - Visita de estudo à fábrica de Chá Gorreana, Maia.



Figura 7 - Visita de estudo ao Museu do Tabaco da Maia.



Figura 8 - Testemunhos da agricultura e da pesca na Maia em meados do século XX

Elementos morfofuncionais em análise	Caraterísticas	
	Meados do século XX	Atualidade
Funções	<ul style="list-style-type: none"> • Destaca-se a função residencial; • Existência da função educativa destinada ao primeiro ciclo e a função político-administrativa (Junta de Freguesia) 	<ul style="list-style-type: none"> • Continua a destacar-se a função residencial; • A função educativa abrange um maior número de crianças (devido à escolaridade obrigatória) • A função comercial e financeira desenvolveu-se de forma significativa; • Algumas funções extinguiram-se (i.e. barbearia e moagem do milho)
Edifícios	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentam bom estado de conservação; • Destacam-se os edifícios do rés-do-chão apesar de existirem também de primeiro andar; • A fachada dos edifícios é essencialmente tradicional (na atualidade evidenciam-se alguns edifícios recentes com caraterísticas modernas) 	
Pavimento	<ul style="list-style-type: none"> • As ruas eram estreitas constituídas por calçada (na rua principal) e de terra (ruas secundárias). 	<ul style="list-style-type: none"> • As ruas mantêm-se estreitas na sua maioria constituídas por alcatrão, sendo poucas as que mantêm o estilo tradicional (calçada).
Observações	<ul style="list-style-type: none"> • Observava-se um elevado número de crianças o que indicia uma população jovem (elevada natalidade); • As ruas estreitas devem-se à falta de espaço para a construção dos edifícios e ao facto do meio de transporte da época (carro de bois) não necessitar de uma área significativa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atualmente a população é maioritariamente idosa; • As ruas estreitas dificultam o trânsito automóvel.

Figura 9 – Quadro comparativo dos elementos morfofuncionais das ruas da Maia entre meados do século XX e a atualidade

2.3. Terceira parte. O mesmo caminho com os olhos de amanhã.

Após a análise retrospectiva e o estudo da realidade atual, há que pensar em soluções futuras para este espaço. Sob este ponto de vista iniciou-se o desenvolvimento da terceira parte do projeto que, perante os resultados obtidos e as conclusões formuladas (na primeira e segunda fase), apela ao desenvolvimento da consciência cívica dos alunos e à sua participação ativa em assuntos que dizem respeito ao território onde vivem.

Pode-se considerar que esta parte do trabalho é o culminar de todo o projeto, que termina com uma palestra destinada a toda a comunidade escolar, onde deverão ser apresentados os resultados do trabalho desenvolvido pelos alunos.

Nesta sessão é importante a presença de algumas pessoas da comunidade da Maia, nomeadamente trabalhadores dos diferentes setores de atividade: de ambas as unidades fabris; agricultores e pescadores que irão dar, em primeira mão, o testemunho do dinamismo económico e social vivido em meados do século passado e relatar as

suas vivências, modos de vida e costumes da população aos mais novos (figura 11).

Com base nos trabalhos desenvolvidos na primeira e segunda fases do projeto, os alunos apresentaram as suas propostas de intervenção nas ruas da Maia ao presidente da Junta de Freguesia da Maia, para que fossem conhecidas e ponderadas as medidas de atuação que consideram necessárias para melhorar a qualidade de vida na freguesia.

Esta fase final do projeto vem, de certa forma, afirmar a necessidade e a importância de um papel ativo e interveniente por parte do aluno. Um papel que reflete o seu conhecimento e percepção das tomadas de decisões, contradições, tensões e disfunções que envolvem a escola e o seu quotidiano mais amplo (figura 12).

Como refere Callai (2001, p.142),

“... As questões que envolvem a família, a escola e o município devem ser conhecidas e analisadas para que o aluno se perceba como indivíduo que faz parte daqueles grupos e que poderia ter voz ativa, ser participante nas decisões. E acima de tudo para perceber que o seu território e o seu município são construídos pelo movimento dos homens e que envolvem interesses que podem ser localizados, reconhecidos e entendidos no processo dinâmico da vida quotidiana”.

Incutida nesta forma de aquisição e desenvolvimento do conhecimento, que parte do saber do aluno e se centra no meio local, está uma forma de estar e relacionar-se em sociedade e com o meio envolvente, uma posição cívica ativa e influente na tomada de decisões que principiam numa escala local. “Diante das mudanças no ensino, é necessário pensar o ensino de Geografia comprometido com a cidadania; pensar o lugar de vivência do aluno e a vivência desse lugar no processo de ensino-aprendizagem.” (Costa e Santos, 2009, p.3).

O grande desafio é aproximar as atitudes e postura do aluno à realidade que o envolve. Parte deste desafio é desempenhado pelo ensino que, por sua vez, deve estar interligado à vida quotidiana do aluno, à historicidade das suas vivências pessoais ou coletivas, com o intuito de se produzir um conhecimento próprio. A outra parte deste desafio é tornar os alunos participantes, não os ajustar ou transformar, mas sim torná-los ativos não só na construção do seu conhecimento, mas também desafia-los à tomada de decisões, exercitar a crítica e discutir hipóteses, em vez de as aceitar, simplesmente.



Figura 11 - Apresentação do projeto.

Problemas diagnosticados	Intervenção
Ruas estreitas com passeios estreitos e alguns ocupados por viaturas	<ul style="list-style-type: none"> • Criar novos espaços de estacionamento ou definir ruas de apenas um sentido (especialmente a Rua da Travessa da Ponte); • Proibição de estacionamento sobre passeios e acessos.
Demolição de espaços verdes/falta de cuidado destes espaços	<ul style="list-style-type: none"> • Dinamizar os espaços verdes com a construção de parques infantis, especialmente na Rua Cidade de Hull, em cuja proximidade se localizam intuições frequentadas por crianças.
Excesso de velocidade, especialmente na Estrada de São Pedro	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de lombas que permitem reduzir a velocidade e sinalização de passadeira em frente ao Museu do Tabaco
Sobrelotação dos contentores de lixo	<ul style="list-style-type: none"> • Reposição e distribuição de mais contentores de recolha de lixo (Rua Cónego Afonso da Costa e Rua Cidade de Hull)
Fraca iluminação	<ul style="list-style-type: none"> • Reforço da iluminação na Rua da Esperança

Figura 12 - Intervenções necessárias nas ruas da Maia.

3. Avaliação dos alunos durante a implementação do projeto.

Como salientam Filho *et al.* (2012, p.9), a avaliação tem de ser adequada "(...) à natureza da aprendizagem, levando em conta não só os resultados das tarefas realizadas, o produto, mas também o que ocorreu no caminho, o processo. É uma espécie de mapeamento que vai identificando as conquistas e os problemas dos alunos em seu desenvolvimento".

Neste projeto, a avaliação merece especial atenção no que respeita à inter-relação de conhecimentos que vão sendo adquiridos pelos alunos e à mobilização de saberes entre áreas curriculares diferentes. O saber fazer e o saber ser são domínios que também se destacam na avaliação, principalmente no desenvolvimento dos trabalhos práticos. Deve realizar-se uma avaliação globalizante, que evidencie o desempenho do aluno ao longo de todo o projeto e não apenas numa fase final.

Apesar dos momentos didáticos se desenvolverem de forma encadeada, deve-se privilegiar a realização de várias avaliações em cada fase do projeto, de forma a facilitar a apreciação do trabalho do aluno em momentos diferenciados e que exigem procedimentos e atitudes distintas. Neste contexto, a avaliação incidiu em três domínios específicos⁷: os conteúdos abordados (construção autónoma do conhecimento - saber); procedimentos (operacionalização das atividades – saber fazer) e atitudes e valores (saber ser). Assim, de acordo com estes domínios, foram selecionadas as competências a desenvolver ao nível da Geografia e do CREB, bem como as metas de aprendizagem a concretizar especificamente para este projeto.

3.1. Resultados Obtidos

Na primeira fase do projeto, foi nítida a motivação dos alunos e a sua predisposição para a realização do trabalho de campo. Colocaram dúvidas bastante pertinentes sobre a forma de construção do perfil funcional das ruas, assim como sobre os aspetos que deviam ter em conta na recolha de informação.

⁷ Consultar a avaliação referenciada para cada fase, no Relatório Detalhado da Atividade Profissional realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da Geografia 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário da autora.

A perspicácia de alguns discentes na recolha de informação (nesta fase do projeto) antecipou a fase final desta atividade. Enquanto realizavam o levantamento funcional e recolhiam os testemunhos da população foram frequentes as questões: "Professora, vamos divulgar estas medidas ao Presidente da Junta de Freguesia da Maia?"; "O Presidente da Junta de Freguesia vai saber das nossas opiniões e as da população?"; "Professora, era importante que o Sr. Presidente soubesse que a população precisa de uma passadeira nesta zona"; "A população queixou-se da ausência dos contentores de lixo pois antes, quando existiam, não havia mau cheiro, nem os animais espalhavam o lixo...o Presidente da Junta de Freguesia devia saber disto e repor os contentores". Estas perguntas evidenciam a preocupação em atuar perante um problema, sendo notória a vontade em participar ativamente nos assuntos que envolvem a sociedade, em especial a sua freguesia, tendo-se cumprido, logo nesta fase, alguns dos objetivos do projeto.

A realização de entrevistas informais à população local, acerca da rua em estudo, foi algo que os alunos fizeram de forma quase espontânea e com muito apreço. Relataram, no regresso à escola, algumas situações que tinham observado e os testemunhos da população, revelando alguma ' vaidade e brio ' pelo papel que desempenharam. A forma cuidada como elaboraram questões à população local, visando uma resposta contextualizada e válida sobre a rua em estudo, foi visível pelos relatos que verbalizaram e desenvolveram posteriormente.

A análise crítica que os alunos apresentaram com base na informação recolhida, reflete a necessidade e a importância de se praticarem cada vez mais este tipo de atividades: elas permitem uma construção autónoma das aprendizagens, libertam o aluno do ensino livresco e permitem trabalhar outros níveis como o saber ser, o saber estar e o saber fazer. Simultaneamente articulam o seu 'saber histórico e cultural' com o 'saber científico', partindo de uma escala local que envolve a sua freguesia. Estas conclusões encontram-se muito presentes nos comentários elaborados na autoavaliação dos alunos: "O aspeto positivo desta atividade foi o interagir com as pessoas da rua e as suas opiniões"; "Com este trabalho ficámos a conhecer melhor a rua e esta tinha muitos aspetos a melhorar"; "Foi uma ideia

muito boa e aprendi um pouco mais da rua que tive. Devíamos fazer mais trabalhos semelhantes”; “Acredito que métodos de aprendizagem como o utilizado nesta atividade é uma mais-valia, visto que permite um maior e melhor conhecimento sobre o local estudado.”

Na segunda fase deste projeto, em que os alunos tiveram a possibilidade de retroceder no tempo com a análise de registos fotográficos que remontam a meados do século XX, foi quase instintivo reconhecerem o motivo das ruas da Maia serem estreitas e dificultarem o trânsito. Pela análise destes documentos iam chegando os comentários: “Na altura não era preciso mais espaço entre as casas porque as pessoas andavam a pé ou de carro de bois, como está aqui na fotografia”. A arquitetura dos edifícios e as suas funções também foram avaliadas: “Professora, estas casas não tinham condições, as pessoas deviam passar frio aqui.”; “Agora percebo porque é que aquela rua tem casas diferentes, antes havia aqui as de palha forradas com jornal, as que estão lá agora são mais novas”; “Este edifício é agora um banco, já não é uma habitação”. Apesar desta parte do trabalho incidir sobre a morfologia e os aspetos funcionais da rua, nos registos fotográficos encontrava-se alguma população em épocas festivas (principalmente religiosas) e, até aqui, também se puderam observar algumas conclusões dos alunos: “Nesta altura existiam muitos ‘pequenos’ aqui” ou “aparecem sempre muitas crianças nas fotografias”, o que refletia uma população jovem e um pouco mais numerosa do que nos dias de hoje.

Ainda nesta fase, com a abordagem à importância das atividades económicas como motor do desenvolvimento económico e social das regiões, os alunos tiveram a oportunidade de perceber toda a dinâmica que se vivia nas fábricas do chá e do tabaco, bem como a importância que estas indústrias representavam em termos económicos e sociais para a freguesia, especialmente para as mulheres. Além da atividade industrial, no desenvolvimento deste projeto foi evidenciado a importância da atividade agrícola ao nível da subsistência das famílias e como suporte para a produção do tabaco, mediante as rendas pagas para o cultivo deste produto.

Apenas a pesca foi uma atividade económica que perdeu relevância na Maia. Mediante testemunhos

locais e de alguns familiares dos alunos, os alunos perceberam que, embora esta freguesia estivesse voltada para o oceano, as condições físicas de acesso ao mar e a localização geográfica do território não permitiram o desenvolvimento desta atividade de forma eficiente.

Apesar da maioria dos alunos ser residente na freguesia da Maia e ter familiares ligados à indústria, alguns discentes nunca tinham visitado estas instalações e outros não possuíam um conhecimento tão aprofundado dos modos de vida da população, principalmente da época em que a fábrica do tabaco ainda estava ativa. Deste modo, as saídas de estudo, ainda que na área de residência dos alunos, permitiu-lhes conhecer o local onde vivem e toda a dinâmica que este território sofreu ao longo do tempo com consequências ao nível social e cultural. Esta conclusão está também muito patente nos registos de autoavaliação dos alunos, que foram também publicados no jornal da escola – A Gazeta - no final do ano letivo: “Gostamos muito, especialmente porque nunca tínhamos estado na Fábrica de Tabaco... foi uma experiência inacreditável”; “Com esta visita de estudo ficamos a saber como é que o chá dos Açores (S. Miguel) é produzido (desde a colheita até empacotamento) e também aprendemos como é que o tabaco era produzido quando a Fábrica de Tabaco da Maia ainda produzia (desde a plantação do tabaco até às carteiras de cigarros). Adoramos esta visita de estudo, especialmente porque nos divertimos todos juntos, mas também porque aprendemos certamente coisas que ainda não sabíamos”.

Para se compreender a realidade que nos rodeia, é importante estudarmos factos que foram marcantes na história e que, de certo modo, condicionaram o presente. O atual Museu do Tabaco é o testemunho de uma atividade económica que em tempos difíceis contribuiu para o desenvolvimento económico da freguesia e da sua população, numa época em os Açores voltam a assumir um papel importante no quadro das exportações nacionais. Atualmente, apenas a fábrica do Chá da Gorreana se encontra ativa, em parte fruto da sua autossuficiência energética e da qualidade que o produto evidencia no mercado. Neste domínio foi importante os alunos perceberem, durante a visita às instalações fabris, que numa época em que a eletricidade era um bem que havia surgido nesta região tardiamente e de

forma escassa, se desenvolveram alternativas para que esta indústria fosse rentável em termos de produção, através da energia hidroelétrica.

A sustentabilidade ambiental é outro conteúdo que também foi sendo trabalhado ao longo deste projeto: na primeira fase, pelas análises críticas dos alunos e testemunhos da população numa perspectiva de preservação e valorização dos recursos naturais e ordenamento do território (ao nível da freguesia); na segunda fase, pela forma como estas indústrias labutavam dando resposta à necessidade energética de uma forma sustentável; e na terceira fase, que aglutina todo este projeto, pela implementação de medidas práticas ao nível da melhoria da qualidade de vida da população, tendo em conta as preocupações ambientais e a preservação do património histórico e cultural.

O *feedback* por parte dos alunos é bastante positivo, a motivação e o empenho também se manifestaram de forma harmoniosa no decorrer deste tipo de atividade e o resultado final, na generalidade, foi sempre muito satisfatório. Os resultados obtidos demonstram que este tipo de projetos são muito mais motivantes, fomentando nos alunos a vontade de participar de forma mais ativa na sua aprendizagem, até pela aplicabilidade de conceitos e metodologias à sua área de residência, libertando-os do ensino 'livresco' e permitindo-lhes um contato direto com o meio e população, o que se reflete em outros níveis de aprendizagem: o saber ser, o saber estar e o saber fazer.

4. Considerações finais

O dinamismo de que se revestem os temas abordados na Geografia permitem, através deste projeto, formar elos de ligação entre este e novos conteúdos a lecionar por forma a motivar o ensino e a aprendizagem de forma prática, interessante e muito significativa para o aluno.

A forma como os professores organizam e preparam a prática educativa é fundamental para a aquisição do saber do aluno, especialmente, se esta se concretizar de forma autónoma. Como orientadores deste processo de ensino e de aprendizagem, devemos trilhar o caminho e a forma como este conhecimento é adquirido. A reflexão é um instrumento que nos permite traçar este caminho de forma cuidada e direcionada para os objetivos visados.

O conhecimento do meio local é fundamental no ensino da Geografia e este deve ser o ponto de partida para o estudo de realidades a outras escalas. Desafiar o conhecimento do aluno acerca do meio onde vive confere pertinência a este projeto. Este desafio ganha particular pertinência por a freguesia da Maia possuir um património histórico e cultural importante e interessante, com destaque para atividades económicas que eram/são exercidas em torno da indústria.

É igualmente importante, para os alunos, terem a perceção de que as suas opiniões e o seu trabalho são reconhecidos pelos órgãos de poder, pois esse desafio incita-os ao desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo, ao mesmo tempo que afirmam a sua posição enquanto cidadãos conscientes e ativos em sociedade

Com o desenvolvimento deste projeto percebemos, uma vez mais, que uma mudança ao nível das metodologias pode favorecer a motivação dos alunos e envolvê-los na sua aprendizagem. A saída da sala de aula é vista por muitos alunos como algo diferente, sendo por si só motivador e propício ao desenvolvimento do saber, como ficou demonstrado na opinião dos alunos, como esta: "São estas as atividades pelas quais vale a pena esperar. Para nós, alunos, são uma mais-valia, tendo em conta que, mesmo entretendo, visitas de estudo como as realizadas são uma ótima forma de aprendizagem. De um modo geral, atividades como estas são sempre muito bem aceites porque ajudam a fugir da rotina de aulas normais, mas sempre sem deixar o conhecimento para trás".

Referências bibliográficas

Bueno, M (2009) – A importância do estudo do meio na prática de ensino em geografia física. *Boletim Goiano de Geografia*. V.29, nº 2, p.185-198.

Callai, H. (2001) – A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? *Terra Livre*, nº 16, pp. 133-152.

CÂMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE – Planos Municipais. Ribeira Grande. Disponível em: <http://cmrg.no-ip.org/munwebgis-ribeiragrande/viewer.aspx?servicename=pdm>. Acesso: 24 de Março 2016.

Cassol, A. (2009) – A geografia saindo da sala para o mundo. *10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia*. Porto Alegre. Disponível em:

<http://www.agb.org.br/XENPEG/poster.htm> >. Acesso: 15 de Janeiro 2016.

Costa, C.; Santos, R. (2009) – Ensino da Geografia no campo: a importância do lugar no processo de ensino-aprendizagem. *10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia*. Porto Alegre. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(30\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(30).pdf) >. Acesso 15 de Janeiro 2016.

Costa, S. (2013) – *Maia Onde o mar brinca com a terra*. Junta de Freguesia da Maia, ISBN 978-989-8123-38-1.

CREB – Currículo Regional da Educação Básica (2011) – Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores. Secretaria Regional da Educação e Formação.

Figueiredo, V.; Silva, G. (2009) – A importância da aula de campo na prática em Geografia. *10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia*. Porto Alegre. Disponível em <http://www.agb.org.br/XENPEG/poster.htm>>. Acesso: 15 de Janeiro 2016.

Filho, J.; Ferreira, C.; Moreira, R.; Silva, S. (2012) – *Avaliação educacional: sua importância no processo de aprendizagem do aluno*. IV Fórum Internacional de Pedagogia. Campina Grande, Realize Editora.

Nóvoa, António (2003) – *Novas disposições dos professores. A escola como lugar de formação*. Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/685> >. Acesso: 25 de Maio 2016.